

PRISCILLA GILMAN

O filho antirromântico

Uma história de alegria inesperada

Tradução

Caroline Chang



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Priscilla Gilman

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Anti-Romantic Child: A Story of Unexpected Joy

Capa

Elisa von Randow

Ilustração de capa

Deborah Paiva

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Luciane Helena Gomide

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gilman, Priscilla

O filho antirromântico : uma história de alegria inesperada /
Priscilla Gilman ; tradução Caroline Chang — 1ª ed. — São Paulo
: Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Anti-Romantic Child : A Story of
Unexpected Joy

ISBN 978-85-359-2571-5

1. Mães - Estados Unidos - Biografia 2. Maternidade -
Estados Unidos - Biografia 3. Pais e filhos I. Título.

15-01913

CDD-306.8743

Índice para catálogo sistemático:

1. Maternidade : Relacionamento familiar : Sociologia 306.8743

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

“Um poema [...] tem início”, escreveu certa vez Robert Frost, “como um nó na garganta, uma sensação de erro, uma saudade de casa, uma saudade de alguém [...]. Encontra o pensamento, e o pensamento encontra as palavras.” Frost evoca as tensões entre sentir e pensar, viver e saber, amar e compreender, que tão centrais foram em minha vida de estudante e professora de poesia romântica, escritora e mãe. Este livro começou como um nó na garganta, uma saudade do mundo mágico de minha infância e da vida doméstica com meu filho como eu a imaginara. Começou como uma ânsia amorosa por um filho que eu adorava mas não compreendia, um amor marcante por sua intensidade, esmagador por sua ânsia e vulnerabilidade, um amor que eu temia que jamais fosse correspondido e, pior ainda, jamais tivesse qualquer influência. Começou como uma necessidade pungente por contato com o espírito ou a essência de meu filho, um temor atordoante de que talvez tudo o que eu fizesse e dissesse seria em vão porque ele era inacessível e indelével, como uma feroz devoção a um filho que eu faria tudo para salvar.

Esta é a história da relação entre a literatura e a vida, entre o ideal e o real, da poesia versus ciência, mágica versus medições, honrar um mistério versus desvendá-lo. E, em seu âmago, este livro é uma história de amor: a história de duas pessoas muito diferentes aprendendo a aceitar e influenciar e dar espaço uma à outra de maneiras misteriosas e poderosas.

Algumas semanas após o nascimento de meu primeiro filho, um menino chamado Benjamin, chegou pelo correio uma caixa enviada por uma ex-professora minha que eu adorava. A caixa continha dois minúsculos *bodies* azuis da marca Old Navy estampando as frases BENDITO VIDENTE! e PODEROSO PROFETA!, gravadas no peito com uma grossa camada de tinta branca. Essas frases eram citações de um de meus poemas preferidos, “Ode: Vislumbres da imortalidade vindos da primeira infância”, do grande poeta romântico William Wordsworth:

*Tu, cujo semblante desmente
E oculta de tua Alma a imensidade;
Tu, Filósofo supremo que ainda tens pertinente
A tua herança, Olho entre os cegos encontrado,
Surdo e silente, lês o abismo contundente,
Para sempre pela mente eterna assombrado —
Bendito Vidente! Poderoso Profeta!
Sobre o qual toda a verdade se projeta*

*Verdade que pela vida tentamos ter achado,
[...]
Tu, pequena Criança, gloriosa no poder fenomenal
De ter o corpo imerso na liberdade celestial,**

O presente não poderia chegar em melhor hora. Vários meses antes do nascimento de Benjamin, eu aceitara um cargo de professora assistente no departamento de inglês de Yale, onde pela primeira vez tinha topado com Wordsworth na aula dessa mesma professora, nove anos antes. Nas semanas que antecederam a chegada de meu filho, eu havia trabalhado com afinco no capítulo de uma tese sobre o autor. Ligeiramente nervosa por voltar para lá como membro do corpo docente e um pouco inquieta sobre como faria para equilibrar a maternidade e uma carreira acadêmica, eu me senti grata pela mensagem tranquilizadora implícita no presente: que minha vida pessoal e minha vida profissional não precisariam estar completamente dissociadas, e que meus papéis como professora, acadêmica e mãe poderiam se enriquecer mutuamente em vez de se confrontar.

Esses versos familiares representavam também uma expressão comovente daquilo por que eu mais ansiava ao receber meu bebê recém-nascido. Eu sempre havia comprado, irrestritamente, a ideia romântica de que crianças pequenas detinham uma sabedoria especial — de que as crianças eram “profetas” e “videntes” que podiam nos dar acesso imediato a verdades que “pela vida tentamos ter achado”, e que a infância era uma época de exploração espontânea, “liberdade celestial” e alegria. De fato, uma das primeiras razões que fizeram com que eu meapai-

* William Wordsworth, *O olho imóvel pela força da harmonia*, 2. ed. Trad. de Alberto Marsicano e John Milton. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, pp. 51-3. (N. T.)

xonasse tão profundamente por Wordsworth quando estudante universitária era que ele dava uma voz eloquente e poética às minhas mais acalentadas (e, sabidamente, um tanto quanto romantizadas) crenças.

Eu me deparei com Wordsworth pela primeira vez no segundo semestre de Grandes Poetas de Língua Inglesa, a disciplina obrigatória de um ano para o diploma de bacharel em língua inglesa de Yale. Eu nunca realmente lera ou estudara qualquer tipo de poesia romântica antes disso. Minha única lembrança anterior de Wordsworth consistia em alguns poemas de um livro de poesia para crianças. Na escola particular só para meninas que frequentei, altamente feminista, a poesia romântica era considerada poesia fraca, sem graça e optativa, pois tratava, como gostamos de dizer, de “flores e crianças”. Mas como calou-ra universitária, ao ler “Abadia Tintern”, “Ode: Vislumbres” e o longuíssimo poema autobiográfico *O prelúdio*, de Wordsworth, me senti transportada para outra dimensão.

Ao mesmo tempo que é o poeta da infância, Wordsworth é também o grande poeta da perda: a perda da inocência e da alegria infantil, a perda dos pais, a perda de filhos, a perda da espontaneidade emocional, da autenticidade e da alegria, à medida que envelhecemos. A primeira estrofe de “Ode: Vislumbres” resume essa atitude de ânsia apaixonada e irrevogável perda:

*Houve tempo em que o bosque, o rio e o matagal,
A terra e qualquer cena irrisória,
Pareciam-me na memória
Envoltos em luz celestial,
Qual sonho, frescor e glória.
Nada é como outrora —
Tudo que minha visão percebia,*

*Seja de noite, seja de dia,
As coisas que via, já não as vejo agora.**

Eu sempre tivera uma atitude voluntariosamente romântica em relação a crianças e à infância, e idealizava aquilo que via como minha própria infância romântica. Meu pai era crítico de teatro, professor na Escola de Arte Dramática de Yale e dramaturgo; minha mãe é agente literária; e os amigos deles eram pessoas altamente criativas — artistas, atores, escritores, diretores. Cresci em um desajeitado apartamento alugado pré-Segunda Guerra Mundial no Upper West Side de Manhattan, em uma família que incentivava a mim e minha irmã a nos divertirmos com nossa criatividade e com a liberdade de brincadeiras desregradadas, a sermos fisicamente exuberantes e afetuosas, extravagantes do ponto de vista emocional e imaginativo. Não nos era permitido ver qualquer canal de televisão que não a PBS ou ouvir música pop que não os Beatles, e passávamos incontáveis horas lendo, desenhando, escrevendo histórias e músicas, dançando e cantando, inventando jogos criativos e pequenas peças que encenávamos para qualquer membro mais velho da família que estivesse disposto a assistir. Subíamos e descíamos de trenó as colinas atrás e vadeávamos o córrego que havia na frente de nossa casa de fim de semana e veraneio em Connecticut. Nós nos entregávamos a brincadeiras de faz de conta com nossas bonecas e bichos de pelúcia.

Meus sonhos de uma infância romântica foram primeiramente formados, inspirados e cultivados por meu pai. Com 47 anos quando nasci, tendo deixado para trás uma conversão mal-sucedida do judaísmo para o catolicismo e um primeiro casamento fracassado, e com uma relação difícil com seu filho desse

* Tradução de Alberto Marsicano e John Milton, p. 43. (N. T.)

casamento, acho que ele viu no segundo matrimônio, e sobretudo em sua segunda chance com a paternidade, uma oportunidade de redenção, de encontrar aquele lugar de transcendência e deleite, de felicidade pura e descomplicada, que havia se provado tão fugidia. E ele se dedicou à paternidade com fervor e alegria.

Minha primeiríssima memória é de uma cena um tanto wordsworthiana, mas uma cena na qual meu pai, o adulto oficial, ajudava a mim, criança pequena, a ver as coisas como uma criança idealmente deveria ver. Era uma noite de verão na Espanha, eu tinha pouco mais de três anos, e um trovão especialmente impressionante me acordou, aterrorizada, no meio da noite. A lembrança começa com a voz de meu pai em meu ouvido e nós dois olhando para fora, na noite. Emoldurada pela grande janela, a cena diante de nós era como um pequeno teatro: o jardim familiar parecendo estranhamente pouco familiar, o céu de um azul índigo iluminado de tempos em tempos por flashes argênteos. Narrando a cena, meu pai soava como um locutor de esportes desenfreado. “Um grande raio! Um raio menor... oh, outro raio forte!”, ele exclamava enquanto me carregava com firmeza com uma mão e gesticulava na direção do céu com a outra. Lembro de algo perturbador se tornando algo glorioso. Lembro de me sentir tão segura não porque ele estivesse me protegendo do medo, mas porque me ajudava a confrontá-lo. Ele não voltou a me colocar na cama; me levou até a janela. Lembro de lhe perguntar: “Quando o trovão virá de novo, papai?”, e dele me dizendo: “Não sei, Sidda (meu apelido na família), mas isso faz parte da surpresa, não é mesmo?”. Meu pai me garantiu que não havia problema em não saber, em ficar em um estado de estupefação e mistério. Ao que podia ter sido um pesadelo, ele deu “a glória e o frescor de um sonho”.

O mesmo entusiasmo, a mesma energia, a verve brincalho-

na e a capacidade de mergulhar na vida que ele demonstrou na noite da tempestade na Espanha embasavam sua abordagem geral quanto à criação de filhos. Meu pai se dedicava a dar a mim e à minha irmã mais nova, Claire, uma infância caracterizada por transformações do comum em extraordinário, frescor de percepção, intensidade espiritual e um ardente pendor para sonhar. Ele participava integralmente de nossa vida imaginativa e partilhava nossas paixões. Gostava de ver *Vila Sésamo* tanto quanto nós, se não mais, e poderia nos entreter lendo a série *O mágico de Oz* madrugada adentro se minha mãe permitisse. Não apenas respeitava como também parecia partilhar nossa crença de que nossos ursinhos eram não apenas adorados animais de pelúcia, mas membros vivinhos da silva da nossa família; ele lhes fazia perguntas (que Claire e eu respondíamos em vozinhas agudas), tirava nossas roupas de bebê do depósito e nos dava seus óculos e suas gravatas velhas para vesti-los, e lhes oferecia mordidas do seu pão ou goles do seu suco. Mergulhava no mundo dos nossos amigos imaginários Tommy e Harry Tealock — “O que Tommy Tealock fez na escola hoje?”, ele perguntava, e uma vez na praia gritou: “Lá vai Harry Tealock!” enquanto acenava para o vazio, além das ondas. Quando comecei a devorar os livros das séries *Hardy Boys* e *Nancy Drew*, depois de ele os ter me apresentado, nós dois comparávamos anotações sobre quais enredos eram mais cheios de reviravoltas, quais títulos eram mais assustadores (*O que aconteceu à meia-noite* e *Quando o relógio fazia tique-taque*), e quais desenlaces eram mais satisfatórios. Ele nos levava de carro até a biblioteca todo fim de semana e nos ajudava a escolher livros, lia-os para nós vezes sem conta e se entregava a discussões animadas sobre eles. Planejava expedições até uma loja de casas de bonecas e partilhava nosso encantamento pelas minúsculas revistas *Life* e diminutas garrafas de coca-cola. Como reverendo Gilman, ele oficiou os muitos casamentos de nossos

pinguins e ursos de pelúcia diante de nossas bonecas Mme. Alexander (o que é hilário, pois protestante é a única denominação religiosa que nunca foi dele). Como diretor Gilman, assistia aos testes que Claire e eu fazíamos para as produções de bichos de pelúcia/bonecas de *West Side Story* e *Oklahoma!*; avaliava o talento vocal de Kanga e concordava que Horsie era perfeita para o papel de Judd Fry. Como um maestro chamado Ricardo Gilman, ele concebeu, dirigiu e apresentou um circo que minha irmã, nosso querido amigo Sebastian e eu montamos em Siena, Itália, no verão em que eu tinha sete anos. Nosso melhor “truque” era o “carro dos palhaços”: um atrás do outro, todos nós passávamos de bicicleta por cima do banco traseiro do nosso minúsculo carro italiano, e na última volta meu pai, que até então ficara escondido abaixado no chão enquanto eu, Claire e Sebastian corríamos sobre ele, se erguia e emergia, sorrindo de um jeito triunfante, do espaço impossivelmente reduzido.

Minha irmã certa vez descreveu com precisão o que a paternidade significava para papai:

A paternidade falava ao âmago de quem papai era enquanto pessoa. Ressoava com sua fé primordial na criatividade. Seu amor pela vida da mente. Sua profunda imaginação. E sua busca pela iluminação e beleza espirituais. Meu pai ACREDITAVA na infância. E contaminou minha irmã e a mim com essa crença, fazendo com que desenvolvêssemos a vida rica e imaginativa que tivemos quando crianças [...]. Meu pai compreendia que criações da imaginação não eram menos importantes que a vida real, e sim fundamentais para uma existência rica e plena. Ao longo de toda a sua vida, meu pai buscou algo mais elevado, algo além do trivial de todos os dias [...]. Meu irmão, minha irmã e eu fornecíamos isso para ele. Éramos mais do que apenas seus filhos. Representávamos tudo o que havia de bom no mundo.

A combinação mágica que meu pai tinha de solidez e ebulição, um feroz senso de proteção e charme lúdico faziam dele tanto o pai mais legal quanto o mais encorajador que se podia imaginar. Ele era conhecido em nossa família como o Grande Descobridor, que podia elevar uma busca mundana por um passe de ônibus perdido ou um livro da biblioteca a uma caçada emocionante, com pistas, reconstituição de passos e suspeitos, com meu pai no papel do sábio, espirituoso e imbatível Hercule Poirot, Sherlock Holmes ou Perry Mason (todos eles grandes heróis seus). Em um passeio da pré-escola ao zoológico do Bronx, ele pegou um jovem vagabundo que estava me importunando, segurou a cabeça dele e disse, com um sorriso divertido: “Acho que está na hora da comida, e, se você não parar de aborrecer a minha filha, é para a toca do leão que você vai!”. Mas, como todo mundo que conhecia meu pai podia muito bem atestar, ele próprio era uma pessoa que precisava de um bocado de incentivo; era um homem extraordinariamente sensível e vulnerável. Talvez fosse justamente por isso que sabia reconhecer tão bem e respeitar a vulnerabilidade nos outros, e que as crianças e os animais o adoravam, sempre.

Guardar essa intensidade infantil de sentir e ser capaz de se maravilhar, essa sensibilidade aguda misturada com vulnerabilidade, porém, implicava certos riscos — para meu pai e para suas filhas, que aprendiam a amar como ele amava: com a integralidade de nosso ser. Quando se ama de tal forma, você pode se machucar, até mesmo por um time de futebol americano. Meu pai costumava contar a história de como, no dia seguinte ao dia em que eu e ele assistimos, sentados o tempo todo, a uma devastadora derrota dos Giants, vi no *New York Times* uma foto do *linebacker* Harry Carson sentado no banco, abatido, e escrevi uma carta para consolá-lo. “Você não deve ficar triste. Você é um tremendo jogador e um homem maravilhoso”, escre-

vi. “Todos ficaremos felizes de novo. Amo você. Priscilla Gilman, nove anos.” Apenas um ano após ter mandado a carta a Harry Carson, eu me peguei pronunciando palavras muito parecidas para meu pai, enquanto ele enfrentava a devastadora perda de nossa família em função da decisão de minha mãe de pôr fim ao casamento deles.

*Embora o fulgor outrora brilhante
Desvaneceu frente a meu semblante,
E não haja nada que me devolva
A glória da flor e o esplendor da relva;
Não vamos nos magoar
Mas no que restou encontrar;
Força [...]**

Wordsworth, “Ode: Vislumbres”

Meu alegre idílio infantil terminou de forma abrupta com a difícil separação de meus pais quando eu tinha dez anos e meio. Claro, o casamento deles não fora sempre um paraíso. A maior parte do tempo meu pai era engraçado, terno e atencioso, mas tendia a ter rompantes de fúria vulcânica, geralmente direcionados à um tanto encrenqueira Claire (ele não conseguia tolerar seu choro agudo e ininterrupto quando bebê ou seus ataques irritadiços, e gritava com ela por derramar o leite) ou à minha mãe. Esta raramente sorria; vivia tensa e sobrecarregada. Embora eu tenha sido uma bebezinha notoriamente feliz e uma menininha cheia de vida e destemida, ao ver fotos antigas de mim quando criança, muitas vezes fico impressionada ao constatar quão pensativa e ansiosa pareço, sempre estendendo os braços

* Tradução de Alberto Marsicano e John Milton, p. 57. (N. T.)

em torno dos meus pais para aproximá-los, amorosamente acolhendo a mão de meu pai na minha ou enfiando meu braço no dele, ou com um braço protetor em volta dos ombros de minha irmã.

Talvez o paraíso para mim tenha sido a própria infância — uma infância simbólica —, que existia nos livros infantis que eu devorava e da qual me aproximava por meio de brincadeiras sem fim com minha irmã. Tratava-se de um lugar de liberdade e imaginação, não desfigurado por segredos e ressentimentos venenosos, sem sombras de complexos desejos ou decepções adultas. Acho que eu lia tão avidamente para de alguma forma fugir ou transcender a realidade de minha família dividida: a tensão e a falta de afeto entre meus pais, o conflito entre meu pai e minha irmã, a insegurança profissional dele, a sensação de alguma instabilidade fundamental e de infelicidade nos espreitando logo abaixo da superfície. A literatura sempre foi meu porto seguro.

Com a separação de meus pais, a casa de Connecticut foi vendida, e a presença mágica de nosso pai na nossa vida diminuiu muito. E nos meses imediatamente posteriores à separação, ficou claro para mim, por causa de cartas que encontrei, conversas que entreouvi e coisas que minha mãe e algumas de suas amigas me falavam, que meu pai tivera outro lado, uma outra vida, uma vida secreta de casos, abuso de drogas e pornografia pesada, mesmo enquanto estava fazendo o papel de homem de família e do pai que assistia a *Vila Sésamo* comigo e que presidia o inocente mundo da minha imaginação. Meu pai nunca me falou nada sobre sua relação com minha mãe e nunca reconheceu ter tido casos, mas na noite que eles nos comunicaram a separação ele me disse, entre pesarosos soluços: “Oh, Sidda, eu não quero isto, é decisão da sua mãe, não quero perder a nossa família!”; e exclamou noutra noite, em meio a um acesso de angústia: “Eu me mataria, não fosse por vocês, meninas”. Tan-

to meu pai quanto minha mãe faziam de mim sua confidente, dividiam sua dor comigo e então diziam, preocupados: “Não comente nada com Claire, ela não consegue lidar com isso”. Claire tinha apenas catorze meses a menos do que eu, mas eles a consideravam a “caçula”; sentiam que precisavam abrigá-la e protegê-la, mas que eu era forte o bastante. Era uma responsabilidade muito grande para uma menina, responsabilidade que assumi com muita seriedade e que nunca questioneei, até muitos anos mais tarde.

Depois do rompimento meu pai foi engolfado por uma depressão quase suicida, sobretudo por ter ficado muito abalado por perder o convívio diário com minha irmã e comigo. Ele não teve uma casa de verdade durante o primeiro ano, e Claire e eu só o víamos durante almoços e idas ao cinema. Sua dor e seu desespero turvavam qualquer interação nossa com ele, até o mais leve contato. Eu sentia uma falta terrível do meu pai: sua presença na minha vida diária, o pai exuberante e engraçado, disponível e tranquilizador que ele fora antes. Ele estava sendo infantil, mas de um modo diferente: de repente, dolorosamente vulnerável, desamparado, perdido, profundamente ferido, lutando para entender o que havia acontecido e para visualizar o que estava por vir.

Meu pai certa vez escreveu que “ser fã de alguém significa praticar uma forma de magia solidária, que faz você sofrer com e tirar forças de, e geralmente partilhar as vicissitudes e personas de campeões e heróis dos dias modernos”. Ele sempre fora meu maior fã, e eu a dele, e, assim como eu tirara força dele, agora sofria com ele; como eu havia me refestelado em sua magia solidária, agora partilhava, irrestrita e incondicionalmente, suas vicissitudes. Claire e eu extraíamos força de tudo o que nosso pai havia nos ensinado sobre como confortar, dar segurança e amor. Aprendi, quando criança, que meu papel era ser alegre, otimista e energizante para os outros.